

‘Brasil desperdiça prosperidade ao marginalizar população negra’

Marcos de Moura e Souza
De São Paulo

Ativista dos direitos humanos e personalidade no combate ao racismo, a moçambicana Graça Machel diz que o Brasil poderia estar num caminho de mais prosperidade se mulheres e homens negros do país tivessem melhores oportunidades para produzir e empreender. “Se metade da população está marginalizada, significa que o país tem metade de capacidade intelectual, de capacidade de criatividade, de capacidade de inovação adormecida”, disse ela em entrevista ao **Valor**.

As empresas também deixam de ganhar pelo fato de não terem um quadro de funcionários, executivos e conselheiros mais diverso, disse ela. Graça foi ministra da Educação de Moçambique e primeira-dama da África do Sul, na Presidência de Nelson Mandela (1918-2013). Ela está atualmente à frente do conselho da organização Graça Machel Trust, em Johannesburg, com atuação em projetos para mulheres e crianças.

Aos 77 anos, a ativista chegou a São Paulo no fim da semana passada e na sexta-feira foi a principal palestrante do 2º Fórum Internacional Empresarial pela Equidade Racial, realizado na Universidade Zumbi dos Palmares. A visita ao Brasil incluiu outros encontros sobre superação do racismo na semana em que se comemora o dia da Consciência Negra. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Valor: *A senhora tem dito que a diversidade racial, para além da questão de direitos, representa também para as empresas uma vantagem. Por quê?*

Graça Machel: A verdade é a seguinte: quanto mais diversidade uma empresa tiver, quer do ponto de vista racial, quer do ponto de vista de gênero, quer do ponto de vista de habilidades, essa empresa vai prosperar mais. É do interesse da própria empresa atrair talentos na diversidade para poder ter melhores resultados. E, por essa razão, é um investimento no desenvolvimento da empresa, na prosperidade da empresa. Não é um favor que se está a fazer. É para ser uma empresa melhor e produzir o melhor resultado para os acionistas e ao mesmo tempo criar um ambiente melhor de trabalho. Os trabalhadores se enriquecem mutuamente com a diversidade. Os trabalhadores são muito mais felizes, ficam muito mais dedicados e por isso sua atitude no trabalho é de maior produtividade.

Valor: *Para que se tenha um avanço mais visível em termos de diversidade nas empresas são ne-*



LUCAS SANTOS/OPVILLAGÃO

Graça Machel: “Fala-se que a desigualdade é estrutural, então a igualdade tem que ser construída de forma estrutural”

cessárias políticas corporativas mais incisivas, mais radicais, do que as de hoje?

Graça: É preciso que isso seja trazido para o centro do desenvolvimento estratégico da empresa. Isso é o radical. Não é aquilo de dizer que isso é responsabilidade social e, portanto, a empresa pode ter dez ou 50 [funcionários negros]. Não. É dizer como a empresa estruturalmente vai criar essa diversidade, até nos níveis mais altos de decisão da empresa. Nos vários departamentos, no comitê executivo. Quanto mais diverso for o comitê executivo, mais ele tomará decisões técnicas importantes para o resultado da empresa.

Valor: *Na sua avaliação cabe aos governos incentivarem as empresas privadas a tomarem esse tipo de iniciativa ou essas iniciativas devem vir exclusivamente das empresas?*

Graça: Tem que ser da própria empresa. É do interesse da empresa para que ela tenha mais saúde interna e para que produza mais e melhores resultados e isso faz com que a empresa prospere. E depois transplantamos isso para a nação. Quanto mais absorvermos a diversidade no nível da nação brasileira, maior será a prosperidade. Se metade da população está marginalizada, significa que o país tem metade de capacidade intelectual, de capacidade de criatividade, de capacidade de inovação adormecida. Então é claro que o Brasil ficará muito mais rico se integrar essa força que está marginalizada. [E no caso das empresas] trata-se de

uma questão do negócio. Tem que fazer sentido do ponto de vista do negócio para as empresas.

Valor: *No Brasil, cresceu muito nos últimos dez anos o número de alunos negros nas universidades públicas devido às políticas de cotas. Nas empresas privadas, onde não há política semelhante, o perfil dos funcionários parece não ter mudado tanto nesses anos...*

Graça: No caso dos espaços públicos é porque houve a mão do Estado. Mas nas empresas [as medidas em prol de maior participação de funcionários negros] têm que ser os donos, os gestores. Os gestores têm interesse em apresentar melhores resultados aos acionistas. E por isso precisam, estrategicamente, tomar isso [mais presença de funcionários negros] como um dos componentes da melhor gestão e com melhor gestão mais produtividade, mais inovação, mais criatividade, melhores resultados em quantidade e qualidade. E, por isso, essa empresa se torna uma empresa modelo.

Valor: *A senhora disse que se sente inquieta ao olhar a desigualdade racial no Brasil.*

Graça: É isso o que estou a dizer: aqui ainda não há [um quadro de mudança] radical. Aqui no Brasil ainda é aquilo: “fica bem” [para a empresa] ter alguns negros. E eu [empresa] apresento os relatórios que eu tenho 50 [funcionários negros]. É por isso que eu estava feliz que estamos muito felizes que os 30 primeiros alunos [do primeiro programa de

formação de conselheiros administrativos negros] se formaram. Mas qual o impacto disso numa sociedade de 200 milhões de pessoas? Claro, é bom começar e não estou a menosprezar. São passos importantes, mas não são passos radicais porque não transformam radicalmente a estrutura da empresa. Fala-se muito neste país que a desigualdade é estrutural, então a igualdade também tem que ser construída do ponto de vista estrutural. Não pode ser de uma maneira periférica, cosmética. Essa transformação ainda não é tida como orgânica, internamente, de cada instituição. Eu [empresa] vou fazer pequenas ações para apresentar como sou uma empresa boa.

Valor: *Por fim, como explicar para uma criança por que ainda muitas pessoas são racistas?*

Graça: As crianças têm um sentido muito profundo de justiça porque elas ainda são muito genuínas. As crianças fazem perguntas que às vezes os pais não conseguem responder e eu também, como avó, não consigo. As crianças são capazes de nos desafiar. Elas podem questionar: “Vocês não estão vendo que isso aqui é absurdo, que isso é inaceitável? Por quê?”. E as crianças percebem o absurdo do tipo de sociedade que nós criamos. Até uma criança consegue ver e explicar isso com grande simplicidade, enquanto nós, adultos, estamos aqui atrapalhados tentando justificar o injustificável.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 2